

Relação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida a
EDGAR LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

A ESCOLA MODERNA

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO

Tudo se encadeia no estado social. Os que organizaram o ensino partiram dos mesmos princípios que os que favoreciam a evolução econômica.

O estado, que deveria ser um festim para a necessidade de aprender que existe em todo ser de faculdades sãs, tornaram-no tão arido, tão aspero, que é para nosso cérebro, uma pena tão dura como para nossos músculos o trabalho de produção.

Não se perguntou as inteligências o que elas queriam conhecer, o que eram susceptíveis de assimilar.

No que parecia mais conhecido tomou-se o que melhor lisonjeava as necessidades dos que se faziam educadores, fez-se um amálgama que se tratou de fazer entrar, por vontade ou à força, nos cerebros mais rebeldes, não se importando com os que arrebatavam.

Depois, como a maioria respingava a esta alimentação indigesta, como alguns se recusavam aos métodos de ingurgitação, tirou-se dali autoridade para declarar doutoralmente que o homem não passa dum ser ignorante, que só aprende sob o terror da fétida. Esta última tem sido sempre considerada como a razão suprema. E há milhares de annos que se faz assim a educação humana. Não deve admirar depois que o homem seja vaidoso e rasteiro — uma coisa não exclui a outra. O que nos deve admirar muito mais é que com isso não se tenha pervertido completamente. E' que é mais fácil estabelecer um programma e decretar que todos deverão submeter-se a elle, do que estudar as aspirações de cada um e achar o methodo que lhe seja adequado.

Haverá sempre espiritos fracos para se conformarem com as ordens recebidas. Se, pelo caminho se quebrem caracteres independentes, tanto melhor para a ordem social, que não admite que a discutam.

O que houver de bom nos resultados obtidos, será attribuído à maneira de proceder; os resultados nefastos, esses serão deitados à conta do caracter vicioso da besta humana.

Assim se estabelecem as opiniões.

Um ensino verdadeiramente racional, capaz de desenvolver as intelligencias, e — o que é ainda mais difficil — capaz de formar caracteres, deve pois ser desembarçado das recompensas assim como dos castigos. Quando a idade de quem aprende não lhe permite comprehender que a necessidade de adquirir certos conhecimentos é uma das condições do desenvolvimento do ser, o atractivo do trabalho deve ser o unico mobil.

O ensino racional deve ter em conta as preferencias e as repugnancias do individuo. O seu fim não é criar aptidões, mas buscá-las e favorecer o seu desenvolvimento. O que elle deve ter em vista não é esperar nos cerebros uma sciencia prompta e acabada, indigesta porque incomprehendida, e por consequencia inassimilavel.

Fundo de parte as formulas clichês, é a provocar a reflexão de quem escuta que deve ter a exposição de quem ensina. O

que elle deve procurar é suscitar as suas perguntas, as suas objecções.

Alargar o cerebro, mas respeitar a individualidade do discipulo. Despertar a sua curiosidade, a sua iniciativa; pôr em sua presença as opiniões contraditorias para que se exerça o seu espirito de critica e de deducção; levá-lo a não aceitar as explicações dadas sendo depois de as ter feito passar elle proprio pela sua critica. Eis a obra a executar.

Sabendo-se tornar atrahente o ensino, são inúteis os castigos e as recompensas, são mesmo nocivos. Para despertar a actividade do alumno, será bastante o prazer q'de elle mismo encontrará. Tolstoi, em sua escola de Yasnaya-Poliana, no-lo demonstra superabundantemente. As lições parecerão sempre demasiadamente curtas.

A mesma coisa succede, afinal, quanto ao trabalho dos adultos. O que os minutos passados no trabalho imposto são em duração e aridez, são-nos em rapidez e leveza as horas que consagramos ao trabalho que nos agrada, e que escolhemos.

Ensinar o individuo a desenvolver-se em todas as suas virtualidades, a agir conforme a propria natureza, as tendencias, affinidades e concepções proprias; ensinar-lhe que nada deve esperar de fora de sua iniciativa, que não deve supportar outras peias além de aquellas que as circumstancias impõem; ensinar-lhe o respeito das iniciativas alheias, para ficar habilitado a fazer respeitar a sua, eis o primeiro trabalho da educação — e aquelle de que temos mais urgente necessidade.

Outro ponto de ensino racional é o da coeducação dos sexos. Dar ás raparigas e aos rapazes o habito de se tratarem como camaradas, fará muito mais pela emancipação da mulher do que todas as leis reclamadas pelos feministas.

Na primeira idade, rapazes e raparigas andam misturados nos mesmos brinquedos; mas logo que começa a acordar a idade da razão, separam-nos, educam-nos aparte, como se fossem de espécies diferentes, chamados a viver uma vida diversa.

Porque não se habituam, desde cedo, os sexos a conhecerem-se, pois que tal conhecimento lhes será indispensavel para saberem orientar a vida? Não é porventura habituando-nos a ver as coisas como são, que faremos uma concepção nitida da existencia, precavendo-nos assim contra os passos irreffectos que trazem cruéis decepções, e contra essas mesmas decepções, que são apenas a consequencia das nossas falsas noções da realidade?

Aprendamos a fazer respeitar a nossa personalidade; aprendamos a respeitar a de todo ser humano, e teremos dado um grande passo para a emancipação commun.

J. G.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquellos que não devolverem o primeiro numero recebido.

Como elles chegam



A boa vida no Brasil



GERMINAL

Afirm de não suporem que vou tratar da redida obra de Zola, será melhor que praticar quanto antes que GERMINAL era o nome de um cão amarelo e assestado, que eu possuia.

Era um perfeito animal. Um modelo de generosidade, que bem podia dar lições a todos nós. Os seus olhos, de uma expressão limpa e resignadora, eram cheios de luz e de melancolia. Quando, pela primeira vez o vi, já dava pelo nome. A sua appareição era indicada pelos gritos alegres dos rapazes, que ao vorem-no bradavam: — Ehl... GERMINAL... andá cá...

Teria um anno. Parecia, no entanto, mais velho. Era dedicado e valeroso, sem aquella apreciada humildade dos cães, que tanto me revoltava, e me faz apreciar muito mais a arranhadura dos gatos.

Mas... GERMINAL tinha um sono! Era pouco social. Consistia a sua ledicia em ladrar, morder essas criaturas estranhas, de saias como as mulheres, que encontramos diariamente pelas ruas. Instintivamente procuravam domar o animal, fazer-lhe comprehender que eram aquelles entes os representantes, na terra, do Senhor.

Assim que o GERMINAL os topava, curruçava-se todo e só eu conseguia pôr termo áquella desolação.

De costume, agarrava o pelas orelhas e dizia-lhe em tom severo, o seguinte exórdio: — GERMINAL! tu não comprehendes que podes ir parar ao inferno se assim continuas a hostilizar estes humilhes servos do Nosso Pai Todo Poderoso?... O crime que commettes é severamente punivel pelas leis que nos regem. O que te vale, talvez, é seres cão, do contrario, serias preso e queimado, tremendamente!

O GERMINAL, tinha sempre artes de se livrar das minhas mãos, e desaparecia.

Como é do supor, isto desesperava-me em extremo, e eu, revolvendo com reflexo as minhas ideias, chegava ao convencimento de que ter semelhante animal era contrario ás divinas leis do infinitamente perfeito Criador do Eterno e Subrano Senhor de todas as coisas.

Passar mal a quem tanto luta para o nosso bem?... Oh!... Brada aos céus!

Nesta associação de ideias suggeria-me a lembrança de que talvez o meu GERMINAL tivesse ouvido esses hereses que empastam o mundo, ou conhecemos, mesmo por tradição, as sagradas obras de Pio IX e Leão XIII.

Lembrava-me tambem que o meu pobre GERMINAL passava fome, e talvez subusse que o Sagrado Leão XIII, apesar do aconsellar a pobreza e a humildade, possuia duzentos mil contos de réis.

Não seria um acto de revolta, ter o meu cão o sestro de morder os beneditos representantes do Senhor?

Mas que diabo!... Tratava-se de uma especie sagrada e o GERMINAL devia respeitá-la não insoberando num sacrilegio tamanho.

Doz, vinte vezes, tentei despartar-lhe a attenção e inspirar-lhe amor por aquelles salvadores da humanidade. Os meus esforços, porém, jámais produziram effeito. Continuava a perseguir-me. Era uma peste!

Uma vez roeu as canelas ao reverendo Sampaio. Outra, rasgou a batina a outro não menos respeitavel Senhor.

Um verdadeiro sacrilegio! Sentí que era preciso pôr termo a tanto atrevimento. Resolvi reaver-me para a primeira occasião afin de applicar-lhe o devido correctivo.

Assim fiz! Uma tarde, quando regressava á casa, deusado borbórinho na vizinhança. Inquirindo o que se tratava, deparei-me-me o GERMINAL fincando os dentes nas pernas de um desgraçado. Em vão o afflicto homezão se esforçava para que o maldito cão o largasse, debalde as atrepidas vizinhas lhe puxavam pelo rabo e o maltratavam com pancadas. Baguro da fortaleza dos seus dentes, o GERMINAL redobrava de fúria e nem devendo correr a sangue das pernas de sua sãntidade, as largava.

Foi então que perdi completamente a cabeça.

Desesperado, appliquei-lhe um violento pontapé.

O GERMINAL ohou-nu attenteamente, ganiu e desapareceu.

Nunca mais voltou!

O remorso que tenho soffrido pelo pontapé que lhe appliquei é enorme.

Se abalou e foi procurar alguém que desalo apoio ao seu procedimento, ignoro. Tenho corrido solitadamente todos os becos e ruas na vão empenho de o encontrar. Mas nunca mais o vi nem soube

noticias delle. Até já duvidei da sua existencia.

Mas afinal, pensadamente, para que lhe daria eu o pontapé? Elle sempre tinha razão em ladrar aos homens das saias pretas. E' que sabia que os reverendos Sampaio e quejandos, ha muitos seculos que fazem mal aos pobres donos dos cães.

Lembra-me agora perfeitamente, que uma noite, para que minhas irmãs ouvissem, lendo em voz alta *Os Crimes da Igreja*, o dedicado GERMINAL vivava ferrenhamente, como a mostrar-me o odio que o minava, e comprehendendo — julgo eu — os grandes males que os homens das saias pretas nos tem feito, poz-se a olhar-me, com esse olhar com que os cães exprimem o desprezo que nutrem por aquelles que não tem sufficiente energia para se revoltarem.

Um olhar que me envergonhou, confesso!

Como estou arrependido de te maltratar!

Ah GERMINAL! GERMINAL! Descança! Como prova do meu profundissimo arrependimento, garanto-te que nunca mais darei pontapés nos cães, especialmente por motivo tão simples.

ROMUALDO DE FIGUEIREDO.



Lanterna Magica

Ladros e covardes!

A manifestação dos catholicos em Bilbao contra o sr. Canalejas deu margem a incidentes curiosos, entre os quaes ha este que chegou a uma feição picaresca.

Nos dias de grande agitação chegou aquella cidade uma centena de campones dirigidos por dois padres. Quando viram as tropas, desataram todos a fugir, gritando que os iam fuzilar. Os campones foram recolhidos pelas autoridades. Cheios de pavor, perguntaram se os iam matar.

As autoridades tranquilizaram-nos, deram-lhes de comer e algum dinheiro porque os dois padres tinham abalado com todo o cinheiro que os desgraçados lhes haviam entregado para custearem as despesas da expedição.

O governo concedeu-lhes combolos para voltarem para as suas terras.

As autoridades foram autorizadas a custear as despesas com o regresso dos catholicos ás suas terras, excepção feita de padres e freiras.



Consequencia fatal

ROMA, 25 — Comunicam de Gergenti que milhares de habitantes de Ravenna, comuna daquella provincia, fizeram uma ruidosa manifestação de protesto contra a maioria clerical do conselho municipal, porque se oppoz á collocação de um busto de Garibaldi na sala das sessões.

Deixam-nos adquirir força e depois a consequencia é sempre esta.

E' uma consequencia do favoritismo de que gosam.



Bons sacerdotes!

Dois padres da Sé de Lisboa, por uma vil questão de interesses, insultaram-se e agrediram-se no claustro. Os operarios que trabalhavam na restauração do edificio assistiram á scena, rindo a bom rir. A imprensa radical teve conhecimento do facto, que lhe

serviu para pôr em relevo o contraste do seu procedimento com o ministerio religioso que professam.

O padre Vacondens dirigiu uma carta ao *Scavo*, pretendendo defender-se, mas o publico, que nutre um profundo desdém pela classe ecclesiastica que a si propria se tem desprestigiado, apenas riu com a attitudde do sacerdote.

O escandaloso a Sé foi enorme.

E são esses os individuos que se dizem continuadores da obra de um mystico sonhador que, segundo elles affirmam, fez-se crucificar ha dois mil annos para redimir a humanidade de seus males! Bons sacerdotes, não acham?



Pobresa do papa

ROMA, 28 — Ha tempo os herdeiros do papa Leão XIII demandaram o Vaticano, reclamando parte dos bens particulares deixado pelo defuncto. O tribunal condemnou o Vaticano a pagar-lhes um milhão de liras.

O Vaticano não fez caso da sentença, que passou em julgado, tendo os herdeiros, agora, requerido ao tribunal o sequestro das rendas que produz a abbazia de Subiaco, da qual é administrador o cardinal Merry del Val.

O santo Leão, o representante do humilde Rabbi da Judea, deixando riquezas que servem agora de motivo para disputas nos tribunales!

Christo vivia entre os pobres e, entre os quaes, dizem sempre os pregadores catholicos. E o papa?



Protestam?!...

ROMA, 3 — O *Messaggero* diz que os deputados clericais se preparam para fazer, na Camera, uma campanha contra o gabinete Luzzatti, tendo já annuciado diversas interpellações sobre pretenções restrictões da liberdade do culto catholico, enquanto é sabido que se trata de interpellações externas do culto, prohibidas por motivo de ordem publica e de hygiene.

E' assim mesmo: elles entendem por restrictões da liberdade as medidas que vêm acabar com os favoritismos de que gosam em prejuizo das outras crenças e da vida publica em geral.

O que elles querem é que não lhes arranquem a teta.



Recho alegre

O cardeal Caprara era amante da bella princesa Sinitenz.

Quando morreu Pio VII, que pelo povo não era tido em cheiro de santidade, perguntou Marforio a Pasquim:

— Quem deve ser eleito papa?

— Oh! desta vez é preciso um papa devoto.

— Quem ha-de ser então?

— Não ha outro senão o cardeal Caprara, porque a cada momento beija a Santa-Cruz...

ASSIGNAI! ASSIGNAI!

E' a assignatura, paga adiantadamente que verdadeiramente sustenta A Lanterna, tornando-a-lhe o melhor combativo. Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna! E, se for possível, assignar-lhe assignatura!

PELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

XV

Taes aberrações da mente já fizeram o seu tempo. Os temores e esperanças pela vida futura, por um lugar de recompensas e castigos após a morte desvaneceram-se cada vez mais, à medida que se difunde nos cerebros a cultura e que a sciencia irradia com sua luz irresistível. A morte põe um termo definitivo, absoluto, á nossa existencia individual. Ella é a suspensão geral da vida, a paragem de todas as funções do corpo e do cerebro. Em outros termos: a dissolução da sociedade formada pelos elementos anatomicos.

Não mais sentir, não mais pensar, a certeza de não tornar a pensar e a sentir, tal é o estado que caracteriza a morte. Tal é a unica concepção aceita por todos os physiologos, por todos os uedicos. A morte é o esphacelo da existencia pessoal.

Não a concebiam diversamente os maiores philosophos da antiguidade. Demócrito, Empédocles, Simónides, Epicuro, Seneca, Plínio, Lucrécio, esses gloriosos precusores do materialismo sciuntifico, consideram a morte como cessação definitiva e natural da vida; Anaximenes, Anaximandro, Tales, c. mo um sonho sem despertar.

Horácio a definiu o exílio eterno; Seneca, o «nada»: *Post mortem nihil*; Frederico o Grande: «um salto no nada». Os mais recentes, Strauss, Feuerbach, Büchner, Spencer, tiveram da morte igual conceito.

Só as crenças religiosas a definem: o principio duma nova vida para a alma. O que venha a ser, porém, essa alma incompreensível, mysteriosa, sem corpo nem base material, que vê, que sente, que soffre e goza num mundo que já não é este... vão lá sabê-lo! As crenças religiosas que tal affirmam não implicam a preocupação de o explicar. Um espirito, um sópno, uma entidade moral, um *quid* enigmático de que não se conhece a origem nem a razão de ser... eis a alma humana religiosamente entendida!

Contentar-nos-emos com este enredo de palavras e contrasensos? Não. Nós possuímos hoje uma exacta noção da alma. Sabemos como nasce, como se desenvolve e como morre. Conhecemos-lhe o parallelismo ontogenico com a evolução da vida physiologica, as suas estreitas relações de dependencia com as funções materiaes do corpo e sobretudo do cerebro que é a sua base anatomica e a sede.

Não ha alma sem cerebro, como não ha outra função vital sem o órgão correspondente que a produz. A alma entendida como um conjunto de faculdades intellectuales — é precisamente uma função especifica do cerebro.

Uma infinidade de provas militam em favor desta verdade. Primeira entre todas esta: as ordens inferiores da vida, nos monocellulares, nos molluscos, nos vermes, nos acéphalos, em geral, em todos os seres desprovidos de cerebro, não se descobre um principio desta vida superior — a alma — que se estende, porém, por graduações infinitas a toda a ordem dos vertebrados, desde o peixe ao homem.

Não é sómente isso: a ausencia da alma, dum principio volitivo e consciente, além de ser um facto commun a todos os seres desprovidos duma columna vertebral e dum crânio, é um phenomeno que se verifica até nos seres superiores, inclusive o homem, em todos os casos espaciaes em que o cerebro, por este

ou aquelle motivo, deixa de funcionar. A suspensão da actividade cerebral é a morte da alma. Um coelho, um rato, uma rã a que se tenha tirado o cerebro fica com movimentos automaticos. Nos casos de apoplexia e de paralyisa cerebral, tão frequentes no homem, tem-se a abolição da consciencia. Podem continuar os phenomenos da vida vegetativa, das funções do coração, do fígado, dos pulmões; mas as funções intellectuales, que costumamos distinguir de todas as outras do corpo com o termo colectivo de alma, ficam suspensas.

Nos idiotas, cujo cerebro não funciona, tem-se a morte intellectual, a ausencia da alma, a abolição da consciencia e da vontade. Nos loucos, é o phenomeno da consciencia temporariamente substituído pelo do maior automatismo, por um conjunto de acções reflexas.

A sciencia pathologica fornece a este respeito tão rica messe de observações e de factos que encheriam enormes volumes, e que plenamente demonstram que o grande phenomeno da alma se refere do modo mais rigido e absoluto a um processo mecanico do cerebro.

ORESTE RISTORI.



Qual dos dois o mais velho?

Quanto mais tanto é o padre, mais perigoso se torna.

DIDEROT.

Deus — eis o mal.

PROUDHON.

Nos jornaes caricos encontrámoa ha dias o seguinte telegrama: «Roma: Um parochio, depois de ter dito a missa habitual, rubli á torre da igreja da sua freguezia que andava em cima e caído em que religião, morrendo instantaneamente.»

E, como vêm, caso bastante para se dizer como os catholicos ferehem: «Deus, com a sua infinita misericórdia, castiga sem poua nem pedra.» Pelo menos é o que se presume deste telegrama.

O desgraçado roupeira, que momentos antes do desastre havia religiosamente engrolado a sua missa habitual, como diz o telegrama, era naturalmente daquelles que, para conveniencia propria, proclamam como um celebre jesuita da patria do grande Garibaldi: — *per il prete — il pari; per il povero — la morte*. Mas como Deus, apesar de invisível, tudo ouve e tudo vê, não esteve desta vez disposto a tolerar a teoria do seu fiel servo.

Por isso, talvez, vendo-o a galgar pachoratamente as escadas da torre da sua *taberna* — perdão! — da sua igreja, desce furiosamente a Roma e, sem avisar o seu representante na terra, o *pobrezinho* Pio X, procura incognitadamente um dos mais habéis e seguros aviadores, aluga-lhe o melhor aeroplano e, num abrir e fechar d'olhos, e-o na torre ao lado do pobre abbade sem que elle desse por isso.

No momento, porém, em que elle se ajoelhava para beijar a nova cruz, o que fazia mais por hypocrisia do que por devoção, e ouvindo-lhe sair dos labios aquellas palavras do jesuita italiano, Deus, num assomo de cohera, surge e bradalla rapidamente, reverentemente: «Não! Não estou disposto a tolerar por mais tempo essa vossa falsa doutrina. Seria mais justo, e mesmo mais humano, se dissesse *per il povero — il pane; per il prete — la morte*».

E, dizendo isto á laia de carroeiro ambulante, agarra-lhe por uma orelha e zás! — prega com o desgraçado abaixo da torre com a mesma deshumanidade com que a Igreja, noutros tempos, atirava para as fogueiras os herejes.

Vendo-o só, morto, Deus, com um aspecto grave e severo,

brada-lhe ainda: «Miseraveis! em vão me honram ensinando doutrinas e mandamentos que vêm dos homens!»

E nisto desapareceu...

— Que selvagem! — dirão ingenuamente uns. Que cobarde! — dirão outros.

Sim, selvagem porque, é, segundo a propria Igreja, quem nos mimosa de quando em vez com as mais horrosas catastrophes, onde perecem milhares e milhares de innocentes; cobarde — por que nunca teve coragem de contradizer, para elucidação de todos, aquellas palavras do seu representante na terra, o papa Leão X: «a FABULA de Christo é de tal forma lucrativa que seria loucura advertir os ignorantes do seu erro», ou aquella outra do implacavel Proudhon: «DEUS — eis o mal!»

E' que esse Deus «iniquo e caprichoso», como disse Lulise Ackmann, não é como S. Diniz que beijos a sua propria cabeça depois de l'ha terem cortado... E' uma coruja — inimigo da luz...

Não nos regozjamos, creiam os bons catholicos, com a morte alheia; mas quando se trata dum monstro desta natureza, ou antes dum ente que não tem de liberdade de ser livre, de pensar, só e simplesmente porque obedece ao papa-negro que vive para vergonha da sociedade moderna, alparardado ao Roma, démos sempre vontade de dizer: a terra se seja leve como o Pao d'Assucar! Sim, porque não podemos nem devemos ter complacencias de especie alguma para com quem as não teve nunca conhecido.

Se se tratasse dum chefe de familia, por muito condemnavel que fosse a sua conducta perante a sociedade, lamentariamos sempre o desastre; mas assim, nunca. Antes pelo contrario.

Bem sabemos, creiam ainda, que «maltratar os animaes é indicio dum mau caracter»; mas também não ignoramos que lamentar a morte duma criatura que nos é em todo o ponto de vista prejudicial e daminha, tanto ou mais ainda do que um animal atacado de hydrophobia, e que esse nome de Igreja-papa, não trepida um só momento em afrontar os mais nobres sentimentos da humanidade, servindo-se para isso de todas as armas, mesmo as mais ignobis e deshumanas, — é uma grande e imperdoavel falta de civismo. E' mesmo, se encarmos a fundo qual a missão do papa na terra, uma grande falta de coragem, senão uma absoluta fraqueza moral. Porque o papel que o padre representa na sociedade é, em tudo, um papel mais que immoral e attentatorio, e, portanto, indigno do seculo que atravessamos.

O ser padre não é uma convicção; é um officio, como disse no *Crime do Padre Amaro* o bom Eça de Queiroz.

Pois bem: o ser padre é um officio, que façam então como nós — que sejam uteis á sociedade e a todos, empregando os seus esforços onde os devem empregar, e não desçam ao deprimente e ridiculo papel de se inculcarem, em pleno seculo vinte, como representantes na terra desse Super-homem que se realmeate existe, o que não cremos absolutamente, é muito mais velho e deshumano do que todos elles, como disse um dia, e com razão o bom Goethe

Que trabalhem, sejam homens, puxem pelo corpo, tornem-se livres para terem, enfim, o direito que todos nós temos de constituir familia, e deixem-se de palhaçadas que hoje só produzem o riso e ao mesmo tempo tedio e asco. E' que o seculo que atravessamos não é, felizmente, o seculo XVIII ou mesmo XIV. Não!

Então eram elles que piedosamente nos forçavam a beijar as ensanguentadas sandalias dos papas romanos, obrigando-nos a ler como que sempre detestamos e odiamos por ser o absurdo dos absurdos, o erro dos erros, o crime dos crimes; hoje, porém, como nós, as rificas de ontem, que os fazemos curvar a cabeça, forçando-os a enveredarem pelo verdadeiro caminho da Razão e da Justiça, da Paz e do Amor, sem que para isso tenhamos que lançar mão das fogueiras inquisitorias como então nos faziam, para honra e gloria desse Deus que a tudo assistia impassivel e immovel, apesar do seu illimitado... humanitismo.

A ARVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragancia
Dos myrtos, dos rosas,
Viviam numa doce e numa eterna infancia
Nossos primeiros pais.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade sua
Das coisas ignorantes.

Por D.us nesse jardim com sua mão astuta
Ao lado da innocencia
A Arvore do Mal que produzia a fructa
Venenosa da Sciencia.

E, apesar de conter venenos homicidas,
E o germen do peccado,
Era Deus quem comia, á noite, as escondidas,
Esse fructo vedado.

Por isso Jehovah tinha sciencia infunda,
Tinha um poder secreto.
E Adão que não provára os fructos era ainda
Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o bello fructo impuro,
O fructo da Razão.
Nesse instante sublime Eva tinha o futuro
Na palma da sua mão!

O homem, abandonado á submisso covarde,
Vi o fructo e comen.
Esse fructo é a Luz que á Jupiter mais tarde
Roubára Promethen.

E ao ver igual a si a estatua que creára,
O homem réprobo e nu,
Jehovah exclamou: «Maldita seja o seara
Cuja semente és tu!»

Veiu depois a Igreja e repetiu aos crentes
De toda a humanidade:
«Maldito seja sempre o que enterrar os dentes
Nos fructos da Verdade!»

A Igreja permitia esse vedado pomo
Sómente aos sacerdotes
Da arvore do mal fugia o mundo, como
Os lobos dos archotes.

Se o sabio que buscava o ouro nas reitorias
La como um ladrão,
Roubar timidamente, á noite, da horas mortas,
Alguns fructo do chão,

Tiravam-lhe da bocca esse fructo dominho
Duma maneira suave:
Atando-lhe á garganta uma corda de linho
Suspensa duma trave.

Um dia um visionario, alma vertiginosa,
Espirito immortal,
Foi deitar-se, que horror! á sombra tenebrosa
Da Arvore do Mal.

A Igreja ao ver aquella intepida heresia
Lançou-lhe excommunições;
Tomba por terra um fructo... e Newton descobria
A lei das attracções!

Sacudi, sacudi a arvore maldita,
Que os astros tombarão,
Como se sacudisse a obediencia infinita
Deus com a propria mão!

E quando o mundo inteiro enfim houver comido
Até á sociedade,
O fructo que lhe estava ha tanto prohibido,
O fructo da Verdade,

Homem, dicei então a Jehovah: — «Tyranmo,
«Vai-te embora d'aqui!
«Construimos de novo o paraizo humano;
«Fizemo-lo sem ti.

«Expulsaste do Olympo a humanidade outr'ora,
O' despois feros!
Pois bem, o Olympo é nosso, e Jehovah, agora
Expulsamos-te nós!»

Guerra Junqueiro.

Ah! como tinha razão o grande Garibaldi: «O homem fez Deus, mas não foi Deus que fez o homem!»

Hec opus hic labor est...

Mas... adiante. Aquelle «inimigo da sociedade» já deixou de existir; é, portanto, de menos uma toupeira de sacristia que fica. E' verdade que elles são como as formigas: quanto mais se matam, mais surgem em lace da terra. Mas as formigas também morrem e os fieis filhos de Deus — o papão de todas as gerações — também vão desaparecendo, embora lentamente, para honra e tranquillidade de todos.

A' Igreja Romana, mai de Loyolas e Torquemadas, cumpre agora um dever: é fazer ás cruzes o que sempre fez aos hereticos — excommunga-las. Sim, tar-

tufos, excommunga-las, porque se os hereticos, como nós, desmoralizam e rebaixam a Igreja e põem a ridiculo todos os seus dogmas, as cruces, por sua vez, occasionalmente a morte áquelles que, aparentemente e hypocritamente — amam a Deus sobre todas as coisas... Ora, pois.

Rio, 24 de agosto de 1910.

J. FERNANDES TAVARES.

NOTAS

July Theatre — A' avenida Bangle Pestana, 148, inaugurou-se no dia 3 do corrente, uma excellente casa de exhibições cinematographicas, que é, agora, no populoso bairro do Brás, o ponto predilecto do publico.

Está elegantemente montado, oferecendo toda a commodidade aos seus frequentadores.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.



O caso Idalina

A ORFÃ IDALINA FOI VICTIMA DE UM CRIME — APPELO A IMPRENSA INDEPENDENTE

Não resta a menor duvida — os padres do Orfanato Cristovão Colombo commetteram com a orfã Idalina Stamato, ali internada, um desses crimes infames a que são arrastados pela sua condição de celibataes e pela vida de ociosidade que levam.

Sim, um crime foi commettido e Idalina occultada, ou quem sabe mesmo se não a assassinaram para que não se pudessem apresentar a prova do delicto?

Mas tudo ha-de se saber. Com o esforço de todos havemos de descobrir o que foi feito da infeliz menina e para isso fazemos um appello á imprensa independente, á imprensa que não tem a sua opinião escravizada a tal canalha.

Vamos, collegas de S. Paulo e do Interior, é preciso que nos ajudeis nesta grande campanha!

LER NA 4.ª PAGINA

"A Cruz de Cedro"

ROMANCE PAULISTA

Original de Antonio Joaquim da Rosa e EM FOLHETIM

2.º CONCURSO DA LANTERNA

Com que se parece o padre?

Amigos da redacção da *Lanterna*.

Accedendo ao vosso pedido, foram lidas e cuidadosamente examinadas na nossa ultima reunião, as respostas ao vosso 2.º concurso — Com que se parece o padre? — resultando escolhidas as seguintes:

Para o 1.º premio, a do senhor Achilles Quarto:
«Com o rato da fabula, porque faz do mundo um queijo e prega de dentro a resignação e a abstinencia aos outros. — Achilles Quarto.»

Para o 2.º a do senhor L. B.:
«Com um eclipse permanente do sol sobre uma natureza em errenne florescimento de vida, de belleza, de amor... — L. B.»

Para o 3.º, a do senhor Guerino Pelio:

«Com um sacco de carvão: onde se encosta suja. — Guerino Pelio.»

Julgamos também de justiça mencionar as seguintes:

Em 1.º lugar a do senhor L. M.:

«Com o diabo do inferno christão, que elle, o padre, criou á propria imagem e semelhança moral, a quem empresta as suas qualidades. Propaga e sustenta a mentira, dizendo defender a verdade; diz-se defensor dos bons costumes, mas, estes, sempre os procura corromper; diz salvar a humanidade, mas trabalha occultamente para a sua perdição. — L. M.»

E em 2.º lugar a do senhor G. B.:

«Com o seu auxiliar, o sacristão: este apaga a luz dos cirios, aquelle a luz do progresso e da verdade. — G. B.»

Agradecemos a vossa distincção e confiança, a que procuramos corresponder com o maior imparcialidade, cumprimentos-vos — A Commissão da Associação da Escola Moderna.

Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1910.



ROL DOS CULPADOS

A HYDRA DE LENA

A tactica do conego Jeronymo — Beijos, abraços, festinhas e conselhos — Contra a lei, contra a moral e contra a natureza — As familias devem fugir da gafeira.

Volto hoje a tratar do conego Jeronymo, o celeberrimo vigário que tem praticado larga somma de crimes e sommas de inocencia ou da fraqueza de criaturas por ele votadas a perdicao. Essas victimas tem ficado, até hoje, indefesas, tem tratado de occultar as suas infelicitades, certas de que o conego é uma entidade poderosa, disposto de apoio e protecção de pessoas altamente collocadas e que, levando em pouca conta a moralidade das familias, dão-lhe mão forte, collocando-o fora do alcance da Justica e livrando-o da punição a que faz jus.

AS PREDICAS DO SATYRO

Para se avaliar o grão de bandidismo desse conego, que tem pretendido converter a sua freguezia em um vasto e bem sortido harem, basta saber-se que as suas predicas com que enfeita as aulas de catecismo, pretendendo preparar os espiritos das crianças, que mais tarde serão moças, e que, assim, oferecerão campo mais propicio a realização integral dos seus planos. São os seguintes:

Logo que as meninas entram para as aulas, onde o bandalho é director, a primeira coisa que o conego trata de fazer é convencê-las de que devem, por completo, escutar-se a vida normal, ao tratar social, aos divertimentos publicos, ás festas intimas e a tudo quanto possa representar um recio para as almas em flor.

Segundo o que o patife prescreve, as meninas e moças devem dedicar-se exclusivamente aos officios religiosos.

As rezas, os jejuns, a assistencia ás aulas, a mendicancia á porta da igreja para fins ignorados e outras coisas, indecentes e condemnaveis, são os objectos da exigencia do conego. Em compensação, como um premio ás que se mostram mais docis, o satyro beija-as, abraça-as, e faz-lhes affagos que a moral repelle e que a hygiene repelle, principalmente porque se trata de um individuo que tem no rosto o vestigio das podridões que convertem o seu sangue em uma larga cultura de elementos tóxicos.

Além desses conselhos, de procurar convencer as meninas e moças de que se devem votar apenas ao carolismo e que devem preferir as coisas de igreja a qualquer outra occupação, além de incutir-lhes no animo horror ao casamento e odio a todos os homens que não vestem batins; além de, assim, converter crianças meigas em monstros que dispõem a lutar contra os proprios precitos christãos; além de tudo isso, diremos, o conego Jeronymo estabelece os rudimentos de uma educação toda especial, feita de subtilidades e hypocrisias, levando os espiritos ao fanatismo e escravizando nas consciências a sua vontade exclusiva.

Foi por esse processo que elle conquistou todas as victimas aqui por nós descriptas.

UM EPISODIO

Ha tempos, havia numa das igrejas superintendidas pelo conego uma professora de catecismo, que levava muito em conta a amizade do conego. Sobre essa amizade chegou-se mesmo a poder commentarios que nada poderiam lisonjear a reputação da moça. Por esse tempo, appareceu ali duas irmãs, residentes á rua D. Mivrel, que entraram nas graças do satyro, despertando protestos da professora.

A intimitade de Jeronymo com essas moças ia longe, tão longe que a professora protestou de tal modo, com tanto calor, que foi substituída por uma das referidas moças, conhecidas no mo-

Logo, os catholicos intransigentes têm razão. O meu ponto de vista, é que convém proceder como se a vida futura não existisse, quer exista, quer não. Pregai ao povo o nada após a morte e prestai-lhe um serviço, porque o incitamos a trabalhar na vida presente. Pregai-lhe a vida futura, é adormecê-lo e talvez lográ-lo, fazendo-o largar tudo e correr atrás de uma chimera. — RENAN.



EM PORTUGAL

Encontramos mais as seguintes noticias sobre a situação da luta contra o clero em Portugal:

Consta que por motivo de desordens recentemente occorridas na Guarda e Sabugal, o governo tem a intenção de expulsar de Portugal alguns padres.

Alguns? Ora, ora!

O governo prepara varias medidas a respeito do funcionamento das congregações catholicas no país.

Que não se poupe, senão...

— O projecto sobre as congregações catholicas, que o governo apresentará nas Camaras regulando o seu funcionamento, limitando-o a um caracter puramente religioso, encontrará grande opposição, se bem que o gabinete conte com a sua maioria, com a bancada republicana e com a parte liberal da colligação.

E mesmo preciso a união para dar combate ao inimigo commun.

— Os jornaes liberaes felicitam calorosamente o governo pelo decreto que revogou a portaria do anno de 1853, pela qual a justica publica não era permitida intervir nos crimes e abusos do clero, sem previa autorização do juiz ecclesiastico.

Assim! Duro com elles!

— Em Sabugal roubaram duas urnas, estando implicado no delicto o abbade da freguezia, que foi preso.

Não Covilhã fizeram as eleições no adro da igreja, sendo a urna guardada por um sargento a cavallo.

Tambem politicos frau lulentos! Que boa gente!

— O *Diario Popular* publicou a seguinte nota:

«O restabelecimento em parte, da lei de Joaquim Antonio de Aguiar, em Portugal, está dando já os seus resultados.

Em virtude do decreto do governo, sobre instituições religiosas, vão ser fechados diversos conventos.

Um delles já o foi, devido á fuga dos respectivos frades. E' o de Almeida da Ponte, no conselho de Sabugal, districto da Guarda, quasi na fronteira da Hespanha.

Os frades, sabendo que iam ser expulsos, entenderam retirar-se para o seu paiz. O governo mandou fechar e sellar as portas do convento. Trata-se de frades hespanhoes, contra os quaes foi aberto um inquerito sobre santidades praticadas.

O velho paiz lusitano está deserta da sua somolença.

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 500 paginas e 18 suggestivas illustrações.

Neste livro é historizada a fundação e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremendos planos dos seus antigos companheiros, chefados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyola. Descripção clara e minuciosa dos meios empregados para dominar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores.

Prego dos dois volumes, 2\$000, franco de porte.

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assignar-lhe e arranjar-lhe assignações. A assignatura é mais cara; mas é um conato de auxílio.



Até nos cemiterios!

UM PADRE SUPREENDIDO EM COLLOQUIO AMOROSO NUM CEMITERIO — QUE SANTOS!

Em Bolonha, Italia, deu-se ha pouco um facto que mostra bem a indole dessa gente pregadora de moralidade sacra.

No cemiterio de Certosa, daquelle cidade, foi notada a assidua frequencia ali de um joven padre e de uma senhora, que se perdiam demoradamente nas galerias subterraneas, enquanto uma menina de tres annos mais ou menos, que ia em companhia da dita senhora, se entretinha a brincar por entre as tumbas.

Foi organizado um serviço de vigilancia, e, sem muita difficuldade, um guarda, disfarçadamente, pôde surpreender o casal em uma situação pouco conveniente ao respeito devido ao lugar.

Foram denunciados ás autoridades judicicias.

Nem as tumbas são respeitadas por estes porcalhões!



"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em S. Roque

A VISITA DO BISPO — Esteve aqui o bispo. Fizeram-se grandes preparativos para a sua chegada. As ruas foram enfeitadas; mobilhou-se uma casa especialmente para elle; a pedido do padre diversas familias forneceram doces em grande quantidade e de todas as especies e os fanatizados catholicos entulharam o quintal do vigario de peris, galinhas, leitões, etc.

Foram recebidos á estação as meninas do catecismo e os *habitués* papa-hostias da taberna sagrada.

Enfim procuraram dar o maior brilho á recepção, rodeando-a de grande pompa.

Tal e qual como Christo gostava de ser tratado...

Elle amava a simplicidade e procurava rodear-se da pobreza; estes, afim de satisfazerem as suas ambições, aproximam-se sempre dos potentados.

E chamem-lhe tolos!

Entretanto, o excellentissimo, apesar de toda sua santidade, chegou aqui debaixo de uma heretica carga d'agua...

Veiu modestamente em carro reservado e foi esperado pelas pessoas já citadas e por uma banda de musica, o indefectivel orador e competente suavia.

A esperança dos carolas de uma grande manifestação foi-se pela agua abaixo.

Da estação foi á igreja, onde esteve poucos minutos e dali foi refazer as forças em um lauto jantar em casa do vigario. Estava melhor ali do que na igreja.

E não fossem elles sagrados e pregadores do jejum...

No dia immediato abriu o seu balcão de venda do chrisma.

Nada cobrou, porém. Quem quizesse ser chrisinado havia de comprar por \$1 um cartão no largo da Matriz, 14, ao que parece, residencia do promotor publico.

Os bilhetes são ali vendidos abertamente, como nos theatros, não. Vendiam-se de portas cerradas...

No principio aos compradores era perguntado quaes eram o padrinho, a nacionalidade, crença, etc., mas tiveram que desistir dessa formalidade diante de algumas opposições.

O importante era vender muitos bilhetes. Sim, «dinheiro haja» e quanto basta para irem todos para o céu...

Quando dará o povo brasileiro uma exemplar lição a esta canalha?

Esqueceremos os phariseus! Não está a Igreja separada do Estado? Obriguemnos, pois, aos governantes a respeitar essa separação.

Imitemos o exemplo que nos vem de fóra.

Apesar de tudo houve sempre quem não acompanhasse o terço. Em diversos pontos os enfeites foram arrancados. E não fizeram mal. Os lugares publicos, frequentados por pessoas de todos os credos ou sem elles, não devem servir exclusivamente para as festas dos clercos.

O numero dos tolos diminuirá; os protestos hão de augmentar. O santo homem não podia deixar de deitar faloção do pulpito, atacando os livres pensadores e procurando illudir os basbaques. Mas a estes pregadores succede o mesmo que aos lavradores que semeiam fora de tempo: perdem o tempo e a semente. A época va-se tornando espinhosa para elles.

O seu dominio está a terminar. Temos como exemplo a Hespanha, a até ha pouco carola e reaccionaria.

O assassinato de Ferrer não havia de ficar impune!

Avançad, pois, no combate aos infames autores da Inquisição!

Daqui foi o nosso homem a fazer a sua colheita.

Ali, já se sabe, foi recebido fanaticamente por aquella desgraçada gente, que o esperou de joelhos na estrada! Outros acharam mais commodo vir encontra-lo a cavallo na estrada...

O homem disse então, modestamente, que não era Deus e sim seu humilde mensageiro.

Coidadinho!

Em Una a feria foi superior á de S. Roque. E natural: quanto mais besta é o povo, mais religioso é.

Na sua volta de Una foi elle acompanhado á estação pelas familias mais ricas, indos os pobres na retaguarda...

Regressando da estação foram os manifestantes catholicamente dissolvidos por duas vacas bravas, que não se sabe de onde vieram...

Do inferno com certeza... Não seriam diabos disfarçados?

Sorocaba, 4 — 9 — 910. — *Manuel Piatanga*.

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, os seguintes amigos:

Rio de Janeiro, sr. Manuel Moscoso, rua do Senado, 63 e Gregorio Rodrigues, rua Uruguanay, 123 (loja).

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 11.

Paraná, sr. Innocencio Salles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martin Affonso, 16.

Niterói, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Berti Rossi.

Araraquara, sr. Polydoro Santos, rua Conceição, 22 e Pylagoras, Leideira, 80.

Villa Americana e Ribeirão, sr. Lucio Bonal.

S. Vicente, sr. Miguel Barcala.

Rio de Janeiro, sr. Francisco de Almeida Bualho.

Atibaia, sr. Olympio Paizão.

Jardimopolis, sr. João Zochel.

Salto de Iti, sr. Seipiano Del Moro.

Araraquara, sr. Ferdinando Scalapandri.

Jundiahy, sr. Antonio Martinelli, rua Cel. Moraes, 2.

Uberaba, sr. Cirio Palmeston.

Mapetinginga, prof. Alvaro de Campos.

Batucotó, sr. Emilio Garcia.

S. Cruz do Rio Pardo, sr. Luiz Rogério.

Jahú, sr. Francisco Bonilha.

Baurá, sr. prof. José de Arimatheus Machado.

Est. Presidente Alves (os lugares circumvizinhos da Noroeste do Brasil), sr. José Martinho.

Bica de Pedra, sr. Alexandre Portier.

Cidade de Prata, sr. Tollenald Bitencourt.

Diamantina, sr. Arthur Fonseca.

O padre: eis o inimigo!

A LANTERNA.

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALTO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

NA LAPA — Salto Internacional.

VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Rangel, 105.

ACORDAÇÃO DE JORNAL DO SR. ANTONIO

Sofato, rua 15 de Novembro, 37.

Se engravata, 4, rua 15 de Novembro, 2.

Numero especial d' "A Lanterna"

Publicaremos em 13 de outubro um numero especial do nosso jornal, commemorando o primeiro anniversario do assassinato de Francisco Ferrer e tambem o primeiro da nova phase da *Lanterna*, que coincide, com differença de tres dias, com a tragica data que enlutou a humanidade.

Será um numero feito a capricho, com oito ou mais paginas, impresso a côres, em bom papel, abundantemente illustrado e collaborado por grande numero de escriptores de nomeada.

Pretendemos fazer desse numero uma grande iragem, que possa ser profusamente distribuido por todo o Brasil, e por isso annunciando-o com bastante antecedencia para dar tempo aos nossos amigos de todas as cidades de enviarem os seus pedidos, ordenando o numero de exemplares que desejem receber.

Como nesse dia devem se realizados comicios, conferencias, etc., os nossos correligionarios poderão aproveitar a occasião para delle fazerem uma larga distribuição.

Onde não seja possivel realizar comicios e conferencias — o que se deve fazer o possivel para conseguir — é indispensavel que se lance o nosso protesto ao menos pelo jornal.

Formem-se grupos, reunam-se os que lutam pela causa da liberdade e procurem que essa data seja clamorosamente commemorada em todos os recantos do Brasil como o será em todo o mundo.

Esses mesmos grupos, ou companheiros, isoladamente, poderão conseguir o necessario para receberem pacotes do numero especial da *Lanterna*.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser enviados até o dia 20 do corrente, pois esse numero deverá ficar prompto com o tempo necessario para chegar aos pontos mais distantes do Brasil.

O custo dos pacotes é o seguinte:

Um pacote de 50 exempl.	4\$000
» » » 100 »	\$5000
» » » 150 »	12\$000
» » » 200 »	15\$000
» » » 500 »	37\$000

Não serão attendidos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1889

Reassado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado.

Perelra & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 66 — S. Paulo —

ELECTRA

Drama anti-clerical em 5 actos, do afamado escriptor hespanhol B. Peres Galdós.

Esta peça valeu ao seu autor um renome universal, provocando grandes applausos em todas as platéas onde foi representada.

Em, toda a parte foi ella bem accolta, tendo sido causa de grandes agitações e provocando a furia da padralhada.

Livre de porte, custa 1\$500 o volume, que contém 130 paginas.

A Lanterna em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem deseja assignar a *Lanterna*, dirigida e Pylagoras, Leideira, 65, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, 4, rua Iraguá.

